A COMUNA

SEMANARIO COMUNISTA ANARQUISTA

ANO IV — SÉRIE II

PREÇO $20 — AFRICA $25 — ESTRANGEIRO $40

N.º 41 (131) — 23-12-923

Redactor principal:
António Teixeira
Editor:
António José d'Almeida

PROP. DO GRUPO EDITOR DE A COMUNA
RED. e ADM.: Rua do Sol, 131—PORTO
CORR.: APARTADO 17 - PORTO

Administrador:
José Rodrigues Reboredo

Comp. e imp. na Tip. A INTERMEDIARIA, Porta do Sol, 23

AS REVOLUÇÕES POLÍTICAS

Está provado, sobejamente provado, que as revoluções políticas—quaisquer que elas sejam—nunca podem fazer a felicidade do povo.

E, ¿porquê? As revoluções políticas, constituindo, as mais das vezes, um movimento sanguinolento a favor duma facção, duma clientela ou dum partido que, lá por ter umas dúzias de audaciosos, se julga no direito de mandar nos outros, só teem um objectivo a atingir: a conquista dos chamados poderes públicos.

Ora a conquista dos poderes públicos não pode, nem nunca pôde, nem nunca poderá, fazer a felicidade do povo, considerando, é claro, esta palavra no seu sentido mais lato, genérico ou específico.

Uma revolução política tem por fim apear um govêrno do seu pedestal e substitui-lo por outro. E o govêrno que se alcandora nas cadeiras daquilo que se convencionou chamar o Poder, procura simplesmente satisfazer as suas ambições e os interêsses das criaturas que o colocaram lá, deixando de boca aberta tôdas as outras criaturas que *aspiravam a grandes coisas.*

E' por isso que nós nunca fomos, nem seremos, partidários de revoluções políticas. A razão da nossa afirmativa é facil de compreender. Nós procuramos destruir o Estado com todos os seus orgãos, desde os mais pequenos aos maiores. E, juntamente com isso, desejamos abolir tôdas as suas engrenagens, quere elas simples, quere sejam intrincadas.

O Estado é o mal organizado para fazer a infelicidade do povo. Do Estado nunca veio, e jamais virá, qualquer parcela, por mínima que seja, de felicidade para todos nós.

O Estado é a violência organizada; e da organização da violência, não podem advir coisas boas.

No passado, como no presente, o Estado só tem procurado impor a sua supremacia, centralizando tudo e inutilizando tôdas as iniciativas individuais.

Pensando assim, ¿como é que nó poderiamos aplaudir as revoluções políticas?

Quando um partido, por mais tolerante que se nos apresente, nos *convida,* diplomàticamente, para uma revolução política, nós, que pela experiência da vida e pelos conhecimentos da história, sabemos muito bem ao que êle visa, encolhemos os ombros e passamos adiante. E' que as revoluções políticas representam apenas apetites vorazes, ambições mal contidas, orgulhos feridos, interêsses esmagados. E como as revoluções desta natureza teem um chefe, nós, que não admitimos semelhantes anomalias dizemos, logo, tudo aquilo que temos a dizer.

As revoluções políticas, tornamos a repetir, não fazem, nem podem fazer a felicidade do povo; quando muito, podem fazer,—e fazem, com certeza—a felicidade momentânea dos apaniguados, das criaturas que se metem nelas, e que, com uma *coragem* de «verdadeiros crentes» lhe dão todo o seu sangue. Mas o resto, sim, o resto... fica a ver navios ou a chuchar no dedo, como se diz em calão popular.

E senão, vejamos: em Portugal, ¿quantas revoluções políticas tem havido? Contando pelos dedos, é, talvez... preciso pedir dedos emprestados! E de tôdas essas revoluções, ¿que é que o povo tem lucrado? Nada.

Está, pois, provado que as Revoluções políticas, não trazem nenhuma vantagem ao povo. Trazem, sim, aos políticos, que são o grande cancro que nos contamina há bastantes anos, e—¿quem sabe?—por quantos anos ainda nos continuará a contaminar!

As revoluções dessa natureza não são, pois, as revoluções que interessam ao povo, a todo o povo. As revoluções que lhe interessam, e às quais êle deve prestar o seu concurso, são as revoluções sociais, consubstanciadas nesta fórmula única, nesta fórmula que não admite dúvidas de espécie alguma:

A terra para o camponês; a oficina para o operário.

Era êste o fim que prosseguia a última revolução que estalou em Lisboa?

Não.

O fim da última revolução de Lisboa era a posse do Poder, a posse dos organismos do Estado, para satisfação daqueles que são os nossos inimigos, os inimigos de todos os trabalhadores, de todos os explorados; a substituição dum govêrno por outro.

E isto não é fazer revolução: é apenas auxiliar uma clientela política.

O povo, se quizer fazer uma revolução, mas uma verdadeira revolução no sentido próprio do termo, deve fazê-la por sua conta e risco, acabando com o Estado, abolindo as suas instituições, as suas engrenagens e os seus orgãos e proclamando o comunismo livre.

Só assim é que será feliz. Só assim é que viverá alegre e ditoso.

Mas essa revolução é a Revolução Social?—dizem-nos.

Que importa? A Revolução Social é a Vida, é a Felicidade, é o Bem-Estar, é a Harmonia, é a abolição do Estado, é a destruição de tudo quanto êle possui.

Para essa Revolução, contem connosco; para outras, não.

Estamos entendidos?

Conseguir um novo assinante para A COMUNA, é apressar a queda da tirania que nos oprime.

CARTAZ COLORIDO

A morte dum Môvo

Morreu o nosso irmão mais velho!...

Seu corpo—a única coisa que nêle envelheceu—estava já gangrenado, esfarrapado pelo combate num período que meio século encheu, completamente, das mais pujantes acções que honram a qualidade de Homem.

Mas, mesmo assim, esperando a hora da sua partida, sinto a alma amarfanhada pelo desgôsto, como se a morte dele tivesse sido repentina, sem se esperar...

Custava a supôr que êle morresse...

Vi-o sempre, desde o primeiro dia em que alvoreci para a Vida da nossa Idea, forte, eivado das ideas juvenis, sempre metido no meio dos rapazes, desdenhando dos velhos... E porisso a sua morte, ao mesmo tempo esperada e nunca prevista, apanhou-me de repente, tam de repente, que a acho um absurdo e esperarei sempre, através do futuro, em todo o nosso labor, vê-lo entrar com a sua cabeleira de *velho* e o seu sorriso e maneiras de rapaz, sentar-se à nossa mesa e principiar a expôr mais um programa de propaganda, um alvitre revolucionário, ou contar uma anedota da sua idade... E sabia tantas!... Um dia, em pleno Rossio, passeando para cá e para lá, aquecendo-se ao sol, ele contou-me um punhado delas...

O nosso irmão mais velho!... Como ele sabia tanta coisa... A vida dele foi como a daquelas árvores pujantes que dão vida a todas as plantas, a tôda a terra que as rodeia, estendendo as suas raíses pelo terreno e emprestando à Natureza a sua seiva forte... Foi assim certamente. Cada um de nós deve a ele a maior parte das ideas que nos embalam... Um labôr de cincoenta anos não foi em vão, não foi.

cm 1 2 3 4 5 6 7 ... 19 20 21 22 23 24 25
unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

A semente espalhada aos quatro ventos deu origem a esta geração... E a nós, que fomos ainda um pouco seus irmãos de bohémia, sorri-nos agora a idea de que também fomos seus filhos.

A sua propaganda não foi em vão.

Se êle não a tivesse feito talvez que muitos não estivessem agora, aqui, comungando na idea emancipadora que êle tanto amou.

Mas isto digo agora, baixinho...

Oh! se êle pudésse ouvir-me, a chamar-lhe nosso pai, como se sentiria contrafeito!... Ele que nos tratava sempre como companheiros da mesma idade, que não queria ser mais que nosso irmão, que nunca teve *rabugências* nem *pretensões ridículas* para ser pai, para ser *velho*...

Não digo seu nome, senão para os extranhos — António José de Avila — para os que vivem muito afastados da nossa causa... Para os mais não é preciso. E' que, por mais rodeios que se possa ter ao falar dêle, a única idea que traça nitidamente o seu perfil inconfundível, é a seguinte:

Ávila foi nos últimos cincoenta anos o único pensador, cujo espírito nunca envelheceu, antes reverdescia cada ano, com uma nova juventude, que alimentava com o calor da sua fé, os novos que iam chegando...

16-12-1923.

FRANCISCO QUINTAL.

Núcleo da Juventude Sindicalista do Pôrto

AOS JOVENS:

No intuito de dar cumprimento a uma das melhores iniciativas tomadas no nosso congresso, a Comissão Administrativa acaba de conseguir a abertura de um curso de Português e aperfeiçoamento de caligrafia, contando, para isso, com a boa vontade do professor do Centro Comunista Libertário que demonstrou, assim, ser um grande cooperador da educação dos Jovens Sindicalistas. Porêm, para que esta iniciativa vá por diante, a Comissão Administrativa apela para todos vós, no sentido de virdes receber as lições instrutivas.

Jóvens! Educai-vos, visto que a instrução é o primeiro passo para a Revolução.

PONTOS DE VISTA DA U. A. P.

A atitude dos anarquistas em face dos partidos políticos

Os problemas complexos, que preocupam os homens, não teem as suas soluções definitivas nas fórmulas restritas que nos apresentam as facções políticas e económicas do movimento operário. São os factos que demonstram, e continuarão demonstrando, aquilo que aos anarquistas é impugnando pelos políticos revolucionários (?) como teorias abstractas.

Porêm, os partidos políticos, até hoje, não realizaram pràticamente as soluções que nos apresentavam como de seguros efeitos. Ninguêm desconhece a falência precipitada e ruidosa do socialismo político.

Só os anarquistas prosseguem firmes e continuam apresentando incessantemente soluções de momento e soluções de futuro, soluções que os adversários combatem primeiramente e veem depois a procurar a sua realização dentro do seu critério político.

A principal preocupação do anarquista, o seu mais caro sonho, é a liberdade. Só na liberdade, afirma êle no seu poderoso raciocínio, o indivíduo pode encontrar a verdadeira felicidade. Realmente se ao indivíduo fôr dado realizar humanamente, sem restrições de qualquer natureza, completamente livre, tôdas as suas aspirações, o seu bem-estar aumenta constantemente, e progride e eleva-se moralmente, até que da sua psicologia desaparecem todos os atavismos, tôdas as taras e todos os instintos, que hoje o tornam animal.

Esta concepção anarquista encerra a única solução do problema humano; é de tal forma vasta que nela se podem encerrar tôdas as soluções de momento; é tam bem equilibrada e tam verdadeira, que se desenvolve gradualmente, perfilhando os problemas que naturalmente se apresentam — problemas físicos, morais intelectuais, sociais, psíquicos, — e é, enfim, tam humana que os indivíduos podem aceitá-la e pugná-la, sem preocupação de raça, de casta, de classe, de preconceito.

E nenhuma concepção política, nem a mais democrata, nem a mais socialista, tem uma solução mais racional e uma visão mais real do que deva ser a felicidade humana. Assim, é doloroso que os partidos políticos e as fórmulas rigidamente autoritárias sejam mais depressa acreditadas — mostra-nos o baixo nível moral dos homens de hoje, que aceitam tudo de olhos fechados, sem discutir, contanto que possa saciar-lhes o repugnante egoismo.

Mas o ideal anarquista reveste-se de forte prestígio sôbre a humanidade. Os partidos sentem-no, e vão procurar às fontes espirituais dêsse ideal as enganosas concepções de liberdade que apresentam à multidão. Numerosos indivíduos, inconscientes uns, perversos outros, ousam afirmar-se anarquistas, no momento em que as suas atitudes, tôda a sua mentalidade, desmentem-nos completamente. Isto, só por si, afirma o poderoso raciocínio dos indivíduos que dedicam a sua vida na propaganda anarquista.

Nenhum dêstes indivíduos aceita, de forma alguma, as fórmulas que contenham uma idea de fôrça, de poder, de imposição. A sua acção é essencialmente destrutiva e fazem à sociedade actual a crítica mais negativa. O Estado e tôdas as formas de govêrno, são objecto dos seus ataques irreprimíveis, não poupando, nesta luta verdadeiramente homérica, a Propriedade, cuja existência implica o jugo económico da massa dos indivíduos.

Os partidos políticos não podiam deixar de ser atingidos nesta batalha formidável que os anarquistas dão à autoridade. Nenhum partido político pode servir, emancipar e libertar a massa oprimida ou jugulada, se todos êles pensam derrubar o poder estabelecido para estabelecer logo o seu poder. E sôbre quem vai recair êsse poder? Sôbre a massa antes oprimida. Não se necessita ser um génio para o compreender: bastará que se seja sensato.

Se o anarquista aceitasse um partido político como revolucionário e o poupasse aos seus ataques, teria desmentido a sua missão natural. Aqui é que se conseguiria a falência do anarquismo; mas não há fôrças que possam conseguí-lo: é tam impossivel, tam inhumano, como anular-se o progresso realizado por milhares de gerações, como inutilizar-se o trabalho feito por uma sucessão ininterrupta de sábios, de filósofos e de artistas, todos contribuindo para o desenvolvimento físico, moral e espiritual da Humanidade.

Esta explanação do nosso critério leva-nos às seguintes

CONCLUSÕES:

O anarquista é, naturalmente, adversário irredutivel de tôdas as formas de govêrno, mesmo daquelas que preconisam os partidos que se dizem revolucionários.

O anarquista, ao desenvolver a sua acção, coloca-se em guerra aberta contra todo o poder político e contra tôda a imposição económica: o primeiro consubstanciado na Autoridade; a segunda, sintetizada na Propriedade, mas sem isolar nenhuma destas na sua luta implacável.

O anarquista nega aos partidos políticos a posse da solução real dos problemas humanos, porisso os envolve na sua batalha à Autoridade, porque a esta só se opõe a Liberdade, sendo estéreis todas as soluções médias.

O anarquista, no assalto aos poderes estabelecidos, poderá encontrar-se ao lado dos partidos que tambem os combatam, embora com diverso objectivo; mas a sua colaboração será unicamente acidental ou circunstancial, e não implica, portanto, a abdicação ou a reserva de qualquer dos seus princípios ideológicos.

O anarquista considera, e muito racionalmente, que só o indivíduo livre poderá formar, com todos os indivíduos livres, uma humanidade, pelo que a sua acção será tendente a provocar, em tôda a terra, a realização sistemática dos seus princípios de Liberdade.

Leiam, propaguem:

O sentido em que somos anarquistas

por Miguel Bacunine—$30

A Peste Religiosa

por João Most—$40

A LIBERDADE

por Bernardo Lasare—$50

Descontos aos revendedores e Grupos de Propaganda. — Pedídos à A COMUNA, ou à A SEMENTEIRA, Cais do Sodré, 88—Lsiboa.

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

Confusionistas

Prometi responder ao artigo do *camarada* José da Silva do N. S. R. do Pôrto, artigo em que, após «largas considerações», me passa um diploma de confusionista!

Devo dizer-lhe que todo o seu arrazoado mais parece dirigido aos fámulos da Internacional Vermelha do que a nós, que temos procurado afastar a acção sindical das influências políticas, dimanem êles dêste ou daquele agrupamento que pretenda servir-se dos ombros do proletariado para escalar as cadeiras governamentais.

Contudo, não somos dos que discordam que, no seio da organização, se debatam táticas ou princípios idiológicos, porque, com isso, terão a aproveitar aqueles que desejam firme e esclarecidamente a transformação da sociedade. E isto porque desejamos também que a organização sindicalista assente na sua base natural, determinada pela qualidade social dos seus componentes (produtores e consumidores) animados por um desejo de completa emancipação do predomínio capitalista.

A capacidade orgânica e moral da organização operária será mais ou menos suficiente, quer dizer, conforme a quantidade de esforços que os militantes dispenderem para conseguir o objectivo que venho de expor.

¿Que representa a aprovação da tese *Organização Social Sindicalista* apresentada no congresso da Covilhã? ¿A sua aceitação não seria o elemento necessário para identificar todos os militantes numa acção comum, afim de se conseguir levar à prática as nossas aspirações?

Depois de definida a orientação e finalidade, que a referida tése encerra, e que são o fruto da experiência, o fluxo das nossas aspirações modernas, baseadas nas lições dos acontecimentos que agitam actualmente o mundo, ¿a organização sindical necessitará, porventura, de se apoiar a um organismo de finalidade política, como seja a I. S. V., cujas tendências não correspondem às aspirações antiautoritárias por que a organização operária portuguesa tem lutado?

Não!

A Revolução por que lutamos e que surgirá, mediante circunstâncias muito especiais, — porque não é um facto de calendário, nem determinação de concílios,—será tanto mais perfeita quanto maior for a intensidade do espírito libertário (que o *camarada* Silva tanto desdenha) de que as massas trabalhadoras estiverem impregnadas.

Logo, para obterem a sua emancipação integral, os sindicatos operários, não precisam, nem agora nem depois, de muletas políticas, que, por pecarem pela sua «antiguidade», lhe déram uma camada de *rôxo-rei*, no intuito de armar ao efeito.

Referentemente ao que se passou na sessão solene do S. U. do Vestuário, o *camarada* Silva é demasiadamente injusto nas suas apreciações, sôbre a minha atitude.

Mas em primeiro logar devo relembrar ao *camarada* Silva a história da adesão daquele Sindicato à I. S. V., isto a propósito dos argumentos empregados pelos elementos libertários, para evitar que a C. G. T. aderisse à I. S. V.

Ora veja se se recorda:

¿Não foi verdade que aquele organismo, numa assembleia geral para apreciar a circular n.º 32 da C. G. T., resolveu, por maioria, optar pela Associação Internacional dos Trabalhadores? Foi, e é inegável!

¿E foi ou não verdade que, após esta resolução surgiu o *camarada Silva Brava* capitaneando um grupo de *Silvas Bravas* os quais alegando a ilegalidade dessa reunião (afirmação aliás muito miserável) convocaram nova assembleia e andando o mesmo Silva a implorar pelas portas de *camaradas* que nunca se importaram com o sindicato—quanto mais com esta questão — o seu «voto», a favor da I. S. V.?

E' verdade, é; e ninguêm pode negar o que digo!

E depois os libertários é que são intolerantes, quando apenas se servem dos argumentos para fazerem triunfar as suas ideas!

Para finalizar: ¿Com que então o delegado do S. U. Metalúrgico pretendeu calcar aos pés a autonomia do S. do Vestuário, pelo simples facto de ter declarado que, em face de se desvirtuar o carácter da festa, se retirava?

O meu acto não foi com o intuito de coartar a liberdade ao *camarada Silva Brava*, que me parece que, naquele momento, não simbolizava o referido sindicato; mas sim, tam sòmente o eu não querer que o meu sindicato, por irtermédio da minha pessoa, colaborasse num acto para o qual não tinha sido convidado, visto que, para sessões de controvérsia, melhor seria procurar outra ocasião. E foi portanto ainda para evitar confusionismo que eu pretendi retirar-me. Que como o *camarada* Silva sabe é um êrro trazer-se para uma sessão solene questões dessa natureza. Nós procuramos estreitar os laços laços de solidariedade entre os operários, embora de tendências diferentes; e é isto o que devemos fazer para que aqueles que, por méro acaso, vão às nossas festas, colham um belo exemplo de camaradagem; e, em vez de se sentirem repelidos, olhem para as nossas organizações com mais simpatia.

Portanto, guarde o epíteto de *confusionista*, porque, o confusionismo só tem partido de lá, confusionismo que eu combaterei o melhor que pudér, colocando acima de tudo a integridade da organização.

SAUL DE SOUSA.

ANTOLOGIA

O verdadeiro mal

O mal, o verdadeiro mal, que é necessário extirpar é a própria idea do direito, de lei, de autoridade, de Estado.

O homem nasceu livre como nasceu bom, e próprio para ser feliz; e todavia por tôda a parte está escravizado, e péna sob essa escravidão. Mas, ¿quem o escraviza e quem o faz penar? A sociedade com tôda a sorte de peias, de estorvos que se opõem à livre expansão da natureza humana, que é fundamentalmente e innatamente boa, e que não poderia nunca ser senão um radiante progresso do homem no sentido do bem. Esses impecilhos odiosos são as leis, a autoridade, o Estado.

A própria moral é, como o direito, ficticia, e um outro jugo imposto ao homem.

Tudo isso, pois, tem de ser destruído, para que a nova humanidade realize, na absoluta liberdade a absoluta felicidade. Mas como a sociedade está irremediávelmente impregnada dêsses funestos conceitos, que são a sua alma, e o seu principio de coesão, é inútil fazer revoluções (politicas, já se vê) para a transformar ou melhorar; porque, qualquer que seja a forma que se dê à sociedade, ela conterá sempre em si o virus horrivel —o principio de direito, de Estado, de autoridade!

A única solução, portanto, é arrazar completamente a sociedade, matando e sepultando para sempre sob os seus destroços, êsses principios fatáis que até agora a teem governado,

EÇA DE QUEIRÓS.

DO QUE SE SABE

BOLXEVISTAS E FASCISTAS

Ante o inimigo comum abatem-se tôdas as bandeiras, como perante o interêsse comum se amalgamam tôdas as divergências. E' como o compreendem os fascistas em relação ao bolxevistas e vice-versa. Mussolini fez a êste respeito declarações importantes que não convem deixar de transmitir aos correligionários e admiradores dos bolxevistas, supondo que outro meio não teem de saber o que fazem, lá longe, os chefes da sua revolução imediata...

«Eu creio — disse Mussolini na sua câmara dos deputados, que seria melhor terem aqui em Roma (os governantes da Rússia) um embaixador, ou seja um representante, que tanto podia ser comercial, diplomático como político.» E salienta a seguir: «O govêrno fascista não opõe dificuldades ao reconhecimento do govêrno soviético, pois que êle é vantajoso para a Itália — para a economia e para a expansão italiana, para o bem estar do povo italiano, porque isso facilitará as relações económicas e conseqüentemente a expansão italiana.»

Outras afirmações interessantes êle fez, que não reproduzimos por idênticas e semelhantes, a mostrar que as duas ditaduras se entendem à maravilha e recìprocamente uma vai em boa companhia da outra. Os governos da Inglaterra, da França, dos Estados Unidos e de mais alguns países estabeleceram já relações comerciáis com a Rússia da actualidade, o que mostra que os capitalistas dos diversos países vão reconhecendo que os bolxevistas não são afinal tam adversários como o foram os do começo da revolução de 1917.

Depois de tudo, os renegados da revolução hão de continuar a encarcerar e a torturar como contrarrevolucionários aqueles que se revoltam contra as ditaduras e contra os amigáveis entendimentos com o capitalismo mundial.

... E viva a I. C., mais o seu apoio, a I. S. V.

M. H.

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

LITERATURA

AO POVO!...

(Um "presente„ de Natal... republicano)

O sonho que sonhaste — essa Manhã de Outubro —
embriagado, a verter teu sangue forte e rubro,
— êsse teu sonho, — ¿vês? — é hoje realidade:
somos *irmãos* e *iguais*, ao sol da *Liberdade*...

Dava-te a Monarquia — a Vil — comida amarga.
P'ra ela, desdenhosa, eras *plebe*, *ralé*.
...E tú, paciente e bom, como um burro de carga,
jamais um coice deste ou armaste banzé.

Tratado como um cão: ninguêm tinha respeito
à tua pel' suada...
Passavas fome tú, que és sempre quem trabalha;
e chamava-te ainda, *escória*, *vil*, *canalha*.
...Tú não dizias nada,
apenas um gemido exalava o teu peito.

Curvado, à chanfalhada, à guarda *mun'cipal*,
tú sofrias, calado,
sob os grilhões do Clero e de tôda a Nobreza,
como um pedinte... E sem cama, e sem mesa,
corrido e maltratado,
tinhas que sustentar a Família Rial...

Essa farça, porêm, havia de acabar
— e um dia teve o cabo:
Houve quem defendesse os direitos da *escória*:
deram-te armas... E crendo, enfim, numa vitória,
chegam-te a palha ao rabo,
e eis-te na rua, então, cantando — *Heróis do mar!*

Prometeram-te a vinte, e a trinta reis o arroz;
o pão e o bacalháu a vintêm — que delícia!
Saiste vencedor; mas — ilusão atroz! —
só tens barato o *peixe-espada* da polícia...

E hoje, se descobrir, quer's, Novos Horizontes,
e arremessar de vez, com tua velha albarda,
— tens logo pela prôa — *ó corja brutamontes*,
o sabre, o *cace-tête* e os caminhões da Guarda...

.....

O sonho que sonhaste — essa Manhã de Outubro —
embriagado, a verter, teu sangue forte e rubro
— êsse teu sonho — ¿vês? — é hoje realidade:
somos *iguais* e *irmãos*, ao sol da *Liberdade*...

(Coimbra).

ROBERTO PEDROSO.

Influência da mulher

Escritório elegante. Personagens: Ricardo, 40 anos; Amália, 38; Adolfo, 12.

Ricardo, sentado numa cadeira, lê um jornal. Entram, Amália e Adolfo. Amália veste com simplicidade; enverga a mantilha e traz, na mão, três ou quatro livros de orações. Adolfo ostenta um fato azul, novo. Tem o aspecto dum colegial bem disciplinado e traz um livro de missa. Ao entrar, ajoelha-se ao pé do pai e beija-lhe a mão. Amália contempla-o, cheia de orgulho.

ADOLFO — ¿Perdoas-me, papá?

RICARDO *(triste, mas afável)* — Filho!... levanta-te... Dá-me um beijo... Que cêdo saíste de casa... E, demais a mais com êste frio...

AMÁLIA *(para Adolfo)* — Vái tomar o teu cafèzinho... Eu pouco me demoro.

RICARDO — ¿Ainda não tomaste nada?

AMÁLIA *(severa)* — Sempre tens coisas...

ADOLFO — ¿Antes de comungar? — papá...

RICARDO *(emendando se)* — Sim, já sei... Queria eu dizer, que, antes de entrardes em casa, podieis ter tomado qualquer coisa numa leitaria...

AMÁLIA — Por meia hora mais ou menos, não valia a pena. Vai, filho! *(Adolfo sái).*

RICARDO — Em quinze dias, tú e êle já comungaram duas vezes... ¿Foi isso o que combinamos?

AMÁLIA — Estás enfadado? Tem paciência. ¿Sabes que dia é hoj? ¿Sabes por quem aplicamos a comunhão?

RICARDO — Sim, sei tudo... Não me irrites.

AMÁLIA — Jesús!... Deus me livre! ¿Queres que teu filho seja como tú?

RICARDO — ¿Meu filho? Diz antes, teu filho.

AMÁLIA — Que coisas dizes!

RICARDO — Teu, sim. Mas tú não tens a culpa. Permiti que o educasses a teu gôsto, e nunca te impus a minha vontade... nunca o impedi..

AMÁLIA — ¿Para impedir o quê? ¿Que teu filho tenha crenças, que seja cristão?

RICARDO — Para impedir que se desse o caso de que meu filho me considere com desdenhosa compaixão; de que me julgue um réprobo, por quem é necessário pedir e resar a Deus; para impedir que, hoje, ao ouvi-lo, ao olhá-lo, não me reconhecesse nele, porque, realmente, nele não há nada da minha vida, do meu pensamento, da minha alma... E eu, que te teria matado mil vezes se tivesse suspeitado, sequer, que êsse filho da minha vida e do meu sangue não me pertencia, consenti no adultério espiritual.. consenti que infundissem no meu filho um espírito que não é o meu. E, agora, já tarde, sinto-o com horror e renego a minha paternidade... E, como eu, tantos outros páis que, por indiferença, por tolerância, temos dado o ser a uma geração que nos levará... ¿quem sabe aonde?... Sim, a culpa é nossa; é daqueles que nasceram entre o tiroteio das barricadas; daqueles que aprenderam, com o sangue e com a dor na alma, o que custa a liberdade do espírito e de consciência; e que, julgando-nos livres para sempre, fomos tolerantes... E não contamos que vós, as mulheres, ressuscitarieis, nos nossos próprios filhos, os inimigos da liberdade e da tolerância ..

AMÁLIA — Mas, Ricardo, Ricardo... Enlouqueceste? Queres matar-me? *(Rompe a chorar)*.

RICARDO — Sim, chora; choral... Com as vossas lágrimas e com as vossas rezas é que governáis o mundo... Ah! como isto anda!...

JACINTO BENAVENTE.

(Dramaturgo espanhol).

Cómité de Propaganda e Organização Anarquista do Norte

BOLETIM SEMANAL

Na última reunião dêste Comité e à qual assistiu a maioria dos seus componentes, foram debatidos assuntos de grande interesse para a Organização Libertária.

Entre outros, considerando a deficiencia de meios com que se debate êste Comité, ficou resolvido organizar-se uma cotização eventual e voluntária, mediante um talão de recibo de 50 centavos para a propaganda.

Para mais tarde, ficou estatuido também a organização de uns sorteios de objectos de arte, cujo produto reverterá em benefício da propaganda.

Tomou-se conhecimento também de mais assuntos de menos importância, bem como da constituição de mais um grupo anarquista, nesta cidade, sob o título «Os sem Deus nem Pátria».

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis 19 20 21 22 23 24 25

Apontamentos...

Ai p'ra baixo, para Oliveira do Bairro, Troviscal e povoações circunvizinhas, a padralhada, ê-se cancro terrível que o passado nos legou e de que ainda não pudemos ver-nos livres, não anda satisfeita com as bandas musicáis. E a prova de que não anda satisfeita é que, de sobrecenho carregado, as «excomungou», quase tôdas, por elas, num direito que ninguêm lhes pode contestar, acompanharem os enterros civis!

Desde que as convidem, parenos que as bandas musicáis não se devem fazer rogadas para tocar seja onde for.

Os instrumentos não teem política nem religião. E, até hoje, ainda ninguêm ousou afirmar que êles fossem de origem divina, como as célebres trombetas bíblicas de Faraó ou de Jericó — que para o caso vale o mesmo. E' por isso que um pífaro tanto pode tocar a ave-maria de Gounod, como o *Regadinho*, como a *Marselhesa*, como a *Maria da Fonte* ou a *Maria Caxuxa*, como tôda a chamada música sacra. O essencial é que lhe soprem; e o sôpro, é humano, e não divino.

De resto, sendo o instrumento musical uma invenção dos homens, tanto pode despedir as suas «notas» aqui como ali, sem que nenhuma criatura se deva importar com isso.

Mas os padrecas de Oliveira do Bairro e das frèguesias circunvizinhas, é que não estão pelos ajustes. Como cães esfaimados agarrados a um ôsso, entendem que as bandas musicáis só devem servir para dar relêvo às suas funçanatas hipócritas, às suas borracheiras acompanhadas a latim bárbaro; e, de aí, a «excomunhão».

Apreciada pelo critério dos ateus, a «excomunhão» não tem importância nenhuma. Assim, uma «excomunhão» vociferada coléricamente por um padre, ancho como um porco do Alentejo e rubicundo como um tomate maduro, produz o mesmo efeito que uma blasfêmia proferida por uma prostituta: perde-se no ar, como no ar se perde o éco dum arrôto. E isto é tam verdadeiro que um «excomungado» continua a comer, a beber, a mijar e a... satisfazer normalmente tôdas as suas necessidades, como em antes de ter ouvido a terrificante palavra, um tanto ou quanto bunda...

Mas, sob o ponto-de-vista católico, já o caso muda de aspecto. ¿Que é a «excomunhão»? E' o indivíduo ser proíbido de engulir uma rodelazita de pão, da *grossura* duma folha de papel de seda, e com um diametro que não vái alêm de centímetro e meio, mas que os padres dizem conter o corpo, a alma, o sangue e mais alguma coisa dum símbolo que se chamou Jesus-Cristo.

Supondo, por um instante, que vivemos numa sociedade de antropófagos — e os católicos, comendo *corpos de Cristo*, não dão a idea doutra coisa — quem lucra com a «excomunhões» são os «excomungados». O tal Cristo, embora fosse gordo como um bacalháu, não devia pesar menos duns cincoenta quilos. Ora abrir a boca e engulir, sem mastigar, uma tal quantidade de «rufadeira», é expôr o indivíduo à dura alternativa de morrer duma indigestão! Porque o estômago mais potente, ainda que tenha as «entradas» de Ugolino, não pode resistir a semelhante carga. E a morte é fatal, fatalíssima, até.

Neste caso, e católicamente falando, os músicos de Oliveira do Bairro, como os músicos de tôdas as frèguesias circumvizinhas, devem estar radiantes de alegria. Sem querer, os padres prestaram-lhes um inestimável serviço, livrando-os de «apanhar» indigestões... católicas. E eu folgo tambêm com isso. Admirador apaixonado da música, não me podia conformar com o desaparecimento de quem a executa.

Continuem, pois, a acompanhar os enterros civis, porque êsse acompanhamento, produzindo «excomunhões» contínuas, tem o condão de preservar os músicos da engulidela dum corpo de Cristo que pesa, pelo menos, cincoenta quilos, incluindo ossos, tripas... e miôlo das ditas.

PEDRO GUIMARÃES.

Se és amigo de A COMUNA arranja-lhe um novo assinante.

A VERDADE ANARQUISTA VAI-SE IMPONDO VIGOROSAMENTE MESMO NOS MEIOS MAIS REFRACTÁRIOS E MENOS PROPÍCIOS Á SUA COMPREENSÃO

A conversão ao anarquismo por influências de Germana Berton duma irmã de caridade, carcereira na prisão de "SAINT-LAZARE,,

Após a morte de Filipe Daudet, o jovem anarquista, cujo suicídio representa a mais formal condenação da moral e das ideas defendidas por seu hediondo pai, o reaccionário Léon Daudet, temos agora, em Paris, a conversão ao anarquismo da irmã Cláudia, carcereira de Germana Berton na prisão de «Saint-Lazare».

Ao princípio desempenhava a irmã Cláudia a sua missão com todo o *escrúpulo* e rigor; mas depois de ouvir a jóvem militante, e de a ver tam altivamente corajosa na adversidade, a religiosa começou primeiro a enternecer-se, e em seguida a simpatizar com ela. Depois acabou por compreender o odioso do seu papel, e confessou a Germana Berton as suas dúvidas sôbre a possibilidade de continuar ali a viver com o seu molho de chaves e com o seu hábito severo de filha de Jesus.

Germana, em vez de se aproveitar da cumplicidade duma tal guarda, para se evadir, ou para viver na prisão em melhor condições, preferiu privar-se dum tala auxiliar e libertar uma consciência.

Quis converter a crente ao anarquismo. Anarquista, quis privar o Estado dum dos seus servos, ensinando à irmã Cláudia o amor da liberdade.

A influência de Germana foi tam grande sôbre a religiosa, que ela não hesitou um dia em pór as chaves na porta de «Saint-Lazare», dirigindo-se para a redacção do jornal anarquista *Le Libertaire*.

Com grande surpresa do administrador, que ao princípio julgou tratar-se dalguma irmã «mendicante», declarou ela ser a guarda Germana Berton, e que, sob os seus conselhos, tinha abandonado a prisão pelo Anarquismo.

E agora, depois de ter atirado com o hábito às ortigas, trabalha ela para ganhar honestamente a vida, lutando ao mesmo tempo pela sorte dos oprimidos.

MAKNO absolvido

Em face dos protestos anarquistas universais, o capitalismo da Polónia hesitou, em condenar Makno; e esta bela figura de revolucionário, que tam atacada tem sido por todos os partidos políticos, acaba de ser absolvida no tribunal de Varsóvia.

Uma afirmação

A maior e a mais fenomenal afirmação do *superhomem* que se chama Cunha Leal, que há-de passar à história com o grotesco *sobriquet* do «homem-portas-e-janelas», foi a que êle fez na sociedade de Geografia, e que vem a ser: *o parlamentarismo, antes e depois da guerra, é um sistema falido.*

¿Há quantos anos os anarquistas veem dizendo esta verdade? Pois, senhores: foi preciso que S. Ex.ª recebesse um formidável pontapé, para que ela lhe entrasse pelos olhos dentro.

Mas, ¿entraria a valer? Parece-nos que não. E a prova, é que, apesár de tudo, S. Ex.ª continuará a politicar e a fazer parte do tal *sistema falido*.

Ou não fosse êle um político dos quatro costados, que se tem agitado menos mal.

E, tanto assim, que se os ventos lhe correrem de feição, desdiz se imediatamente...

Já estamos habituados às cabriolas dos políticos...

PRÓ-PRESOS
por QUESTÕES SOCIÁIS

Transporte . . .	564$72
Porto—José Fontes . .	5$00
Brito	3$50
V. R. n.º 84	2$00
A transportar . .	575$22

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

CARTAS DUM OUTRO MUNDO

De Pedro das Neves a J. Diogo T.

I

Venho hoje escrever-te, meu amigo; venho responder às hesitações que manifestaste a quando do nosso encontro e da nossa longa conversa. E' isto a minha resposta à tua descrença, ao teu ecepticismo.

Recordas-te daquela nossa conversação à margem do Mondego, do idílico Mondego das eclogas e das endechas? Recordas-te?

Falamos das iniqüidades desta Sociedade capitalista, das desigualdades sociais, da falência e contraprodução da justiça e das leis existentes.

Lembras-te? Soprava um vento ameaçador, subversivo; um vento revolucionário, encanado pelo vale do Mondego, desgrenhava-me a cabeleira e incutia em mim um novo ânimo para a luta em prol dum mundo melhor. Foi, à margem do Mondego, àquele vento que me revolucionava todo, que nós discreteamos sôbre o Capital—aquele Moloch insaciável do sangue de tantas vítimas. Discutimos o patronato e a servidão—a mascarada escravatura, o suserano feudalismo da ominosa Idade Média, adaptado às circunstâncias do século presente.

...E notei a revolta do teu espírito, ennojado com tanta infâmia, com tanta podridão...

Sim! Lembro-me que tú, filho de páis burgueses, e arraçado ainda dum aristocracismo longievo, manifestaste o teu desprêso por pergaminhos e estiradas nomenclaturas fidalgas—que puseste para o cesto dos papeis o *Alarcão,* o *Arráis,* o *Albuquerque*...

Sim! Sei que te revolta tanta ignomínia, sei que anseias uma sociedade mais perfeita.

Sei que aborreces a vida aristocrática, a vida das diplomáticas vénias, a vida que se vive entre formosas e caiadas cortezãs, raquítica e artificialmente esculturadas — essa existência que te oferecem pela tua Consciência.

Recordo-me desse tumultuar de ideas que nos assaltaram na amena e amigavel discussão.

Recordo-me, sim, dos nobres sentimentos que em ti descobri no decorrer da amena palestra, cheia de manifestações, de anseios, de aspirações, de humanismo...

Compreendi: tens um cérebro nú da maior parte dos reconceitos que ròdeiam e emmaranham a cerebração de quáse todos os que foram educados burguesmente.

Porêm — e surge sempre um porêm—o que tú não concebes é que eu me possa manter cá neste outro mundo; não concebes a vida desta Sociedade onde eu e muitíssimos outros — poetas, operários, dramaturgos, sábios, etc., etc. — gosamos e vivemos a Vida, tranquila e esperançadamente, sem govêrno (sem poder centralizado) sem leis. Não crês na manutenção dêste mundo acrata, sem leis que o reja, sem pastores, sem cadeias, sem Estado. A abolição do Estado, das leis—pensas tú — imposta a vida duma sociedade, será o fim dum mundo, provocará um medonho cataclismo, levará a Humanidade ao Nada. Uma Sociedade sem Govêrno!... Credo!... Como se aguentaria uma comunidade, assim? Todos fariam o que lhes aprouvesse, sem que temessem o castigo. Roubar-se-ia, chacinar-se-ia e ninguêm laboraria!

Por outro lado o Amor Livre.

O' Amor Livre e a isenção do Estado são, dos príncipios — alicerces desta sociedade em que vivo—os dois abismos em que o teu pensamento se debruça, receoso das vertigens: os dois muros que obstam a que emigres para êste Mundo de irmãos, de produtores, de Paz; para que enfileires, ao meu lado, no exército dos novos — dêste exército que ha-de ir à conquista dêsse velho Mundo agonizante.

E, porque são, principalmente, êstes dois pontos de discórdia, eu vou ver se consigo desfazer estas tuas últimas teias de aranha, e êsses receios — justificados pela educação que sofrestes e pelo ambiente em que vives.

Ouve então: o Estado, meu amigo, é dispensável e desnecessário; e, afirmo-te: é um estôrvo à felicidade das gentes, à realização do Ideal: Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

¿Onde está a Liberdade, se os governados tem de se submeter à autoridade — por mais avançada que seja — despótica e feudal?

¿Onde está a Liberdade, se os governos, — por mais liberais que se rotulem—perseguem os propagandistas de Ideas opostas às imperantes? ¿Onde há Liberdade se êle, o Estado, prende, encarcera e mata?

Se êle apreende jornais inimigos, assalta centros doutrinários, proíbe reuniões, interfere nas sessões?

¿Onde está a Igualdade: uns, governantes; outros, governados—pastores e carneiros, dirigentes e dirigidos, exploradores e explorados. ¿Onde a Igualdade, se o Estado a nega, admitindo a existência de ricos e pobres, ignorantes e instruídos? E a Fraternidade, com chacinas, com lutas, com violências, perseguições, exploração, ¿onde impera a Fraternidade, em que Estado, onde se alberga ela?

O Estado já faliu há muito; e a Humanidade caminha, quebrando as algêmas, voando mais alto, na ánsia de atingir a Sociedade Livre, a Sociedade Anárquica—onde eu vivo.

O Estado, meu caro, sancionador do roubo legal, do Crime — o comércio e a guerra —; o Estado perseguidor, o Estado mussolínico, lenínico, primico ou afônsico — avançado ou retrógrado—mas sempre sanguinário, sempre criminoso, desaparecerá definitivamente, em breve, sossobrará sob esta Sociedade que se está formando, esmagada essa velha Sociedade, por esta do Amor, da Paz e do Perdão.

O Estado é só dessa sociedade onde vives; desta não. O Estado é a muleta dêsse mundo, com a coórte—guarda-costas do Exército, da Guarda e da Polícia.

O Estado não é necessário neste mundo onde o trabalho e adistribuição da produção são feitos comumente.

O Estado dispensa-se num Mundo onde todos estão — como neste — por afinidades de idênticos interêsses, unidos; num mundo onde há um só interêsse — que é o interêsse comum — o máximo de produção e de comodidade. O Estado aqui não tem nada que fazer: não tem que guardar a propriedade aos ricos e sufocar a rebelião dos párias. Num Mundo onde há antagonismo de interêsses—os interêsses do patrão, diametralmente opostos aos dos servos — o Estado, sim, é preciso, para regular e ajudar a exploração. Mas neste Mundo onde tudo é de todos e onde não há parasitas nem criminosos, o Estado seria pernicioso.

O Estado só é lógico na sociedade onde tú vives, nessa sociedade onde interêsses opostos travam luta de morte; os do patrão, turibulando ao Capital; e o do escravo, lutando pela Liberdade e por um futuro mais justo.

Para a decisão desta batalha criou a Burguesia, o Estado. Para a manutenção da ordem — alterada em conseqüência desta luta — tem a Burguesia necessidade do Estado.

Neste Mundo, onde o Crime só existe na nossa memória, como evocação dolorosa do Velho Mundo; onde a ordem não é desrespeitada pela inexistência de causas — o Estado seria a Desigualdade, a Tirania, o Despotismo, o Parasitarismo. Nesta sociedade, onde a flor do Mal fenece, onde não existe a opressão, Neros, tabernas, prostibulos, Dinheiro—o Estado seria o Mal.

Quanto ao Amor Livre, dir-te-ei que êle é o fruto, o filho da Liberdade e do Amor.

Não é o sensualismo tôrpe — como terás lido na imprensa, e é difamado pelos escritores burgueses.

E' a junção natural, num baptismo de Amor e Fé, de dois corações que se adivinham, de dois corpos que se anseiam, sem a intervenção criminosa e imunda dum determinado Código Civil ou das doutrinas bíblicas — búdicas, maometanas, ou cristans — e os quais, uma vez aborrecidos, aqueles que se aborrecem, por escôlha mal feita ou devido a temperamentos antitéticos, se desuniram, e procuraram noutro enlace a sua Felicidade, sem que criem essa legião de desgraçadas e leprosas que o mundo odeia e põe de parte — as meretrizes.

E vou terminar esta carta, meu amigo, esperançado em que ela algo de influência tenha no teu cérebro revoltado e que daqui a alguns tempos possa ver-te a meu lado, enfileirado no Exército dos Novos, prontos para o incêndio desse Velho Mundo.

Esperança!

O teu amigo
PEDRO DAS NEVES.

Anarcolândia.
1923. Dez. 9

CORREIO DE "A COMUNA"

LISBOA — *A. J. Rato.* Recebemos carta e 5$00. Fica pago até ao 48. Agradecemos em nome do Ideal. *M. Rodrigues,* Sairá num dos próximos n.os.

ELVAS — *Custódio L. Silveira.* Ficou pago até ao 53. O restante foi para os presos por questões sociais.

FUNCHAL — *Simplício Gomes.* Recebemos 5$00.

FRANÇA — *João Francisco.* Recebemos 30 francos.

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

Os contra-revolucionários da Alemanha

Não é de-mais repetir que a Social-democracia alemã traiu ignobilmente a Revolução. E, para denunciar e castígar esta traição, poder-se-ia exgotar a língua mais rica, sem se chegar a exprimir completamente a indignação e a cólera que, por causa disso, sentem os revolucionários de todos os países.

Seria para desesperar de todo, se, para o futuro, esta odiosa Social-democracia, os seus métodos e as suas táticas não fossem definitivamente abandonados e ásperamente combatidos por todos os indivíduos que trabalham conscientemente pela emancipação proletária. Todavia—e antes de tudo—é bom observar que se podem admirar desta traição infame, os cegos que se obstinam em não ver que um partido político no poder é, *pela sua própria função*, um obstáculo à Revolução Social.

Entre êstes cegos mais ou menos voluntários, convêm colocar sem reserva os adeptos do partido comunista que, pelo menos, na Saxónia e na Turíngia, tinham constituido, *de acôrdo com os homens da Social-democracia*, os governos «chamados» operários dêstes dois países.

A apreciação mais indulgente que se possa formular sôbre o caso dêstes ministros comunistas, consiste em admitir, que êles não são culpados senão de terem *ingénuamente* confiado nos seus colegas sociais-democratas, dos quais não teriam sido cúmplices, mas vítimas.

E' bem difícil admitir esta apreciação. A lógica mais elementar opõe-se a que os separem dos seus colegas.

Eis porquê: os chefes do partido comunista, assim como os da socialdemocrácia, não prosseguiam senão num fim—apoderar-se do poder político, aproveitando-se das circunstâncias; e, conquistado o poder, nele se manterem, como na Rússia, por meio da ditadura *sôbre*—o que quere dizer «*contra*»—o ptoletariado.

A acção revolucionária não os interessava senão na medida em que lhes favorecesse os seus desígnios. Ainda há pior: comunistas e sociaisdemocratas, fascinados de todo por esta conquista do poder governamental, não percebiam nada, não imaginavam nada, não queriam nada alêm desta conquista. Estavam determinados a impelir o movimento neste sentido, a impelí-lo até lá, mas a refreá-lo, a combatê-lo, e a matá-lo, se êle chegasse a ir mais longe.

O que afirmo, posso prová-lo com textos duma precisão e clareza indiscutíveis. Convido os que duvidarem, a rever a colecção da *Humanité*, do *Bulletin Communiste*, da *Vie Ouvriere* e de tôdas as publicações comunistas aparecidas desde alguns meses. Não terão necessidade de passar esta colecção à lupa, nem de ler nas entrelinhas, nem de recorrerem a interpretações ou comentários mais ou menos forçados; serão imediatamente e plenamente edificados.

Eis duas citações—nada mais do que duas:

Primeira—dirigida pelos Jóvens comunistas franceses aos operários da Alemanha:

«A vossa luta é a nossa.

«Tôdas as notícias da Alemanha mostram-nos que a guerra civil, apenas velada, que todos os dias faz vítimas, aproxima-se da batalha decisiva entre a burguesia e a classe operária *para a conquista do poder politico.*»

E é assinada:

A presidência da Conferência nacional dos J. C.: Chamford, Lebertois, Shreckler, Guilleau, Stainville. (*Humanité*, de 6 de Novembro, primeira página, 6.ª coluna.)

Segunda—**Partido Comunista—Campanha de recrutamento da Federação do Sena.**

APÊLO

...Trabalhador do Sena... tú aderirás ao único partido político, que quere e prepara a *conquista do Poder* pelo proletariado.

O comité federal.

(*Humanité*, de 8 de Novembro, 2.ª página, 4.ª coluna.)

Notar-se há que estas citações, duma limpidês de cristal, não são extraídas dum artigo que poderia só exprimir o pensamento do autor, e não comprometer senão a êste. Elas existem em dois documentos, tendo um carácter colectivo e oficial.

* * *

Está, pois, provado, «arqui-provado», que a acção comunista, no decurso dos acontecimentos que teem levantado os trabalhadores da Alemanha contra os seus esfomeadores, não tem senão um objectivo: a conquista do poder político. Salta aos olhos, que se o partido comunista se tivesse achado capaz de realizar, com as suas únicas fôrças, esta conquista do poder, não teria pensado em aliar-se ao partido social-democrata; é mesmo certo, que teria repelido o concurso dêste, no caso em que êste auxílio lhe tivesse sido proposto.

Mas, *corroídos* pelo desejo de se instalar no govêrno, querendo, a todo o custo, ter a sua *parte do poder*, os chefes comunistas aliaram-se com os da socialdemocracia de quem não cessavam de denunciar, *antes*, a traição, e que êles acusaram—depois—de felonia.

Pois bem! De duas coisas uma: ou os ministros comunistas da Saxónia e da Turíngia foram *enrolados* pelos seus colegas sociaisdemocratas,—e neste caso, não teem desculpa, porque é imperdoável levar até êste ponto a ingenuídade, a imprevidência e a cegueira, quando se se erigem em chefes, quando se proclamam a si próprios a *élite*, quando se trava uma batalha, da qual dependem milhares e milhares de existências e os destinos da classe operária;—ou então êstes singulares revolucionários não foram enganados, e, neste caso, foram cúmplices.

SEBASTIÃO FAURE.

(Conclui no próximo número).

241 por cento!...

Um grupo de *20 Amigos* da rua de João de Deus reuniu-se, um dia dêstes, «em assembleia geral para apresentação de contas», e resolveu distribuir aos «sócios» um dividendo de 241 por cento!

Sabendo-se como são constituidas estas *Caixas de 20 amigos*, e conhecendo-se o modo como emprestam dinheiro a quem precisa e a *quem não precisa dele*, propomos, em conseqüência do florescimento de semelhante *negócio*, casa bancária ou quiosque prestamista, que aqueles dois termos—*20 Amigos* (com A maiúsculo) sejam substituidos por estoutros que definem melhor a *amisade* que deve existir entre êles: *20 Gatunos*, ou *20 Ladrões!*

Quando uma emprêsa dá um dividendo de 40 ou 50 por cento, calculamos logo a exploração que ela exerceu sôbre as suas vítimas; mas, o que nos custa a calcular é a exploração que a uma empresasita foi necessário pôr em prática para chegar ao fim do ano e distribuir pelos seus sócios 241 por cento!

E admiramo-nos, ainda hoje, do José do Telhado, do João Brandão e do Cartouche!

Pró-viuvas e filhos das vitimas da explosão das ANTAS

O Comité de Propaganda e Organização Anarquista no Norte, o qual tomou a seu cargo o sustento das viuvas e filhos das que foram vítimas da explosão nas Antas, vem mais uma vez lembrar aos camaradas da região portuguesa, bem como aos que se encontram no estrangeiro, o dever de empregar todos os meios que possam dispôr com o fim de conseguirem donativos suficientes para não deixarem perecer à mingua de alimentos as companheiras e filhos dos camaradas que em vida tantos serviços prestaram à causa dos oprimidos.

Seguem-se os donativos recebidos:

Transporte . . .	695$35
Lista a cargo do Grupo «Os solidários» (1) .	21$20
Grupo «R beldes» . .	2$50
Grupo «Isolados» (2) .	6$50
Costa Carvalho . . .	10$00
Comuna	8$00
A transportar . .	743$55

(1) Subscritores:

Domingos Pinheiro, Raul Costa, José d'Oliveira, Antònio Reimão, Artur Cancela, José Pinto, José P. Ribeiro, Adolfo Vieira, Manuel Sá, Anacleto Jesus, Joaquim Nogueira, Lopes, Joaquim Prazeres, João Nogueira, Francisco Cardoso, Abraão, José Jesus, A. Vieira, A. F. Silva, B. da Cruz, Alfredo Cruz, J. da Silva, Pereira Dias; 23 a $50 = 11$50.

José da Costa Ribeiro, Belmiro Moreira, Crispim Pereira, Domingos Cruz, Manuel Cruz, J. Cardoso, Luis Mendes; 7 a 1$00 = 7$00; Vitor, 1$50 e A Vieira, 1$20. Soma, 21$20.

(2) Carlos P. Magalhães, Delvino R. da Silva, José de S. Ribeiro, Alberto Pinto, José F. Braga, Antònio Magalhães, Geliat, 7 a $50 = 3$50.

Amâudio Pinto 2$00 e Abilio B. Guimarães 1$00—Soma 6$50.

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

DA MINHA TRIBUNA

O Natal

Segundo o que nos diz a Bíblia e mais os livros *sagrados*, Cristo prègou o bem e o amor a tôda a humanidade, combatendo, como uma enorme injustiça que só tinha explicação na maldade humana, a desigualdade social que permite que os *senhores* explorem, oprimam e vexem os pobres, porque na sua *douta* opinião todos os homens deviam viver como irmãos.

Defendeu e acarinhou os humildes, associando-se ao sofrimento dêles; e correu os vendilhões do templo, porque prègavam a mentira, exactamente como os de hoje. E fez tudo isto com um espírito do sacrifício e de abnegação tam grande, que por «todos» foi admirado e considerado como um Redentor!...

Pelo seu verbo, pelo seu procedimento, e pelo seu gesto, tornou-se *superior* aos outros homens, tendo dado um exemplo de bondade e amor!

Foi assim, que sacrificou a sua vida, pela redenção humana; e, foi assim, que as suas doutrinas serviram de base à religião católica!

E, ¿que fazem hoje os *ministros* dessa Religião? ¿Que faz hoje a seita jesuítica? Praticam o contrário do que praticou o seu ídolo, para servirem a causa dos ricos, em detrimento da dos pobres; deturpam as doutrinas dêle, dizendo ao povo que se conforme e se resigne, em nome de *Deus*, com a sua miséria e com o seu sofrimento, porque, depois da morte, terá no céu, como recompensa, o gôso dum paraízo que êles e os ricos dispensam!... E para melhor iludir e enganar o povo que não sabe sentir nem compreender, apresentam-lhe o exemplo de Cristo ter sido pobre e ter nascido numa mísera cabana, mas não lhe dizendo que a sua vida de humilde e verdadeiro apóstalo fôra um formidável protesto contra a opolência e a tirania dos poderosos! Mas ¿porque é que os ricos não querem ser pobres?

A Religião, que deveria ser o mais belo incentivo à redenção humana, pela qual o tal Jesus sacrificou a sua vida, é, pelo contrário, o maior obstáculo à sua realização! Sim; porque, incutindo no ânimo do povo, a conformação e a resignação, com a vontade de *Deus* que deseja que o povo sofra uma vida de fome e de miséria, para que os seus exploradores gosem uma vida de prazer e de ociosidade, faz que a grande injustiça, que é a desigualdade social, contra a qual Cristo se revoltara, combatendo-a, se mantenha e conserve. Portanto, pode-se dizer, desassombradamente, que a Religião é o principal sustentáculo do regime de exploração, de opressão, de privilégio e de predominio, que garante o bem-estar duma minoria, em detrimento da maioria, o que o Mestre combateu!

A missão da Religião é embrutecer o povo para que êle não conheça os seus deveres e os seus direitos; é conservá-lo na ignorância para que melhor o possam explorar e dominar... em nome de *Deus!*

E' por isso, que, os farçantes da religião, os negociadores do nome de *Deus*, dizem que se «ela não existisse seria preciso inventá-la!»

Porquê?

Porque se não houvesse qualquer coisa que incutisse no ânimo do povo explorado e oprimido, a conformação e a resignação com a sua miséria e com o seu sofrimento, êle revoltar-se ía contra os seus exploradores e tiranos, e não se deixaria explorar nem oprimir. E, ou todos seriam livres e felizes, como preconizam as doutrinas anarquistas, ou ninguêm o seria. Por isso, é preciso haver a Religião!... Logo... é preciso haver Natal!...

* * *

O Natal não passa duma velha festa tradicional como muitas que se conservam, criadas pelo egoismo dos tartufos e farçantes que pretendem viver à custa do esfôrço dos seus semelhantes e alimentadas pela inconsciência do povo.

Como homenágem, prestada pela Religião, ao martir do Gólgota, o Natal não passa duma grande exibição de hipocrisia apoiada na inconsciência do povo, que desonra quem a presta e ofende o nome de quem é homenageado, tam longe ela anda do seu verdadeiro significado!

E como festa da família, é a suprema ironia dos potentados do ouro, escarnecendo a miséria dos explorados e desprotegidos que não podem compartilhar dela!

O Natal que—vá lá—deveria ser uma festa de prazer e alegria para tôda a imensa família humana, constitui uma festa de prazer e alegria só para os ricos e privilegiados, visto que, para os pobres, é uma data de tristeza, porque mais aviva o quadro de miséria e sofrimento que representam os seus lares, onde os inocentes que o Rabi chamou a si e acarinhou, pedem pão!... Se Cristo pensasse que, passados 2:000 anos após a sua morte, ainda a humanidade não estaria redimida e os inocentes que êle tanto amara e acarinhara não teriam pão e agasalho... com certeza tinha-se suicidado há mais tempo...

E' assim que a religião interpreta as doutrinas cristãs; e é assim que os católicos prestam homenagem ao seu *Deus*!

Ah! se o tal Cristo podesse vir outra vez ao mundo!... os católicos matavam-no.

M. C. MACHADO.

Vida Anarquista

União A. Portuguesa

COMITÉ NACIONAL

Iniciando o programa de acção aprovado, dirigiu-se uma circular-manifesto a todos os anarquistas isolados da região portuguesa.

Tomou conhecimento da constituição de novos grupos no Pôrto, Braga, Cercal, etc., esperando-se outras adesões.

Sôbre o referendo feito aos aderentes àcêrca do movimento e orientação do C. N. e grupo *Cosmos*, teem-se recebido algumas respostas, aguardando-se que todos respondam para serem tomadas deliberações.

Apreciou os resultados satisfatórios da Conferência Anarquista do Norte, ficando o delegado dêste Comité, de apresentar um relatório com conclusões, que será publicado na *Comuna*.

Aos grupos da região do Centro que pensam realizar trabalhos de largo alcance foi resolvido secundá-los.

Estabeleceu uma rêde de relações com os anarquistas de todo o mundo, tendentes á aproximação necessária.

* * *

Por intermédio do camarada Hilário Marques, êste organismo acaba de receber, do *Grupo dos 7*, de New-Bedford-Mass, a importância de 5 dólares e 50 centimos, destinados a auxiliar a propaganda. Por meio de *A Comuna*, a U. A. P. agradece o donativo daquele Grupo, esperando que o exemplo frutifique, para bem da propaganda anarquista.

Grupo Anarquista Claridade

A iniciativa de lançar uma revista tem sido óptimamente acolhida por todos os revolucionários e anarquistas, esperando-se fazê-la surgir tam cedo quanto possível. Para isso roga-se a todos os camaradas que receberam circulares que não façam tardar a sua resposta, para que êste trabalho que é imprescindivel para a preparação mental e moral dos anarquistas e do povo em geral, venha à luz, tam rápido como é desejo do seu grupo editor.

Outrossim lembra aos grupos a resposta breve, às circulares enviadas, para balanço de fôrças.

Estando-se procedendo à montagem regular das contribuições, comunica êste grupo que vái enviar os recibos mensais à cobrança.

* * *

Em suas reuniões foram apreciadas novas formas de propaganda da revista e angariação de fundos, resolvendo-se imprimir listas que serão distribuidas oportunamente e promover, num teatro da capital, um espectáculo.

A propaganda local também tem merecido atenção, tendo-se no domingo passado, realizado uma sessão nos Marinheiros e Moços da Marinha Mercante, em que falaram Mário Domingues, Silvino Noronha e Cristiano Lima, sucedendo-se outros na próxima semana.

Sôbre organização vái-se, em breve, realizar uma reunião, onde serão presentes vários trabalhos. Da sua realização será brevemente tomado conhecimento.

* * *

Do grupo dos 14, de Fall River, América do Norte, composto por camaradas portugueses, recebeu-se um cheque de 12 dólares para a revista.

O grupo «Claridade» agradece e salienta o interêsse daqueles amigos e camaradas pela propaganda dos princípios anarquistas.

* * *

O grupo «Claridade» deseja correspondência com grupos nacionais e internacionais, prestando todos os esclarecimentos que lhes sejam pedidos.

Direcção: David de Carvalho — Travessa Agua da Flôr, 16, 1.º andar — Lisboa — Portugal.

COMO NÃO SER ANARQUISTA?

Preço $20; pelo correio $30.

A' VENDA NESTA REDACÇÃO